

ARTIGO: REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação em Livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação contemporâneos.
A Casa Tombada - Faconnect

Érica Correia Temponi Rodrigues
2021

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA

Erica Correia Temponi Rodrigues, A Casa Tombada.

Palavras chaves: Literatura Infantil – Representatividade – Cultura Antirracista -

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma breve explanação sobre como a cultura negra é representada nos livros infantis brasileiros, a partir da análise histórica da literatura para a infância no País e de sua representatividade ao longo dos anos, até chegar aos dias atuais, 18 anos depois da implantação da Lei nº 10.639 que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no Currículo do Ensino Fundamental e Médio. Utilizando uma pesquisa realizada com professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 e o pressuposto de que a representatividade negra no livro para a infância é pouco explorada atualmente nas salas de aula, apresentarei neste artigo alguns livros que abordam a temática e seu uso pelos professores. Este trabalho também busca trazer a reflexão sobre como o racismo se consolidou na literatura infantil e de que forma o uso de livros que contemplem a representatividade negra pode favorecer e contribuir com as práticas pedagógicas, fortalecendo uma pedagogia menos desigual, que seja capaz de abarcar a pluralidade cultural e o respeito às diferenças.

As contribuições de Leonardo Arroyo, Nilma Lino Gomes, Rosa Margarida de Carvalho Rocha, entre outros autores, foram fundamentais para pensar o panorama histórico brasileiro da literatura infantil e para refletir sobre como a inclusão das literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica podem favorecer o diálogo intercultural e, conseqüentemente, a superação de preconceitos e estereótipos.

A literatura infantil brasileira: um histórico

Segundo Leonardo Arroyo, a literatura infantil brasileira não seguiu padrões rígidos de evolução. Seu progresso foi complexo e diversificado, devido às inúmeras áreas culturais abarcadas pelos livros.

No que diz respeito ao termo “literatura infantil”, para o autor (2011)¹:

“No uso corrente, ‘literatura infantil’ significa um conjunto de publicações que, sem conteúdo especialmente didático, sejam destinadas a crianças. Para especialistas na matéria, poderá significar realidade mais ampla. Entendem eles que, como os demais ramos das letras, também há de ser em cada país considerado expressão geral de sua cultura, com profundas raízes no passado, portanto ligado aos sentimentos dos povos, suas tradições e aspirações.”

A partir dessa consideração, você encontrará neste trabalho a substituição do termo “literatura infantil” para “literatura para a infância”, na busca de contemplar os mais variados conceitos de infâncias, dando amplitude ao termo utilizado.

Arroyo ainda descreve que (através da citação de Fernando Azevedo em seu livro *A educação e seus problemas*), o progresso na literatura para a infância foi marcado pelas “*modificações de estrutura econômica e social e suas repercussões no próprio sistema de relações sociais, no grupo doméstico, que favorecem a formação de um ‘novo público’ para escritores*”. A partir dessa citação, pode-se refletir sobre como a literatura começou a decorrer das condições sociais da sua época.

Ainda nessa perspectiva, o lastro cultural íntimo entre o ensino escolar e a literatura infantil no desenvolvimento cultural brasileiro criou e fortaleceu as condições para o aparecimento do livro especialmente dedicado à infância. Deste modo, criou-se espaço para um tipo de leitor no Brasil: aquele vinculado ao sistema de educação, que constituía o predomínio de uma literatura propriamente didática. Ou seja, os livros precisavam cumprir um papel pedagógico, apenas.

Ao longo do tempo, este fato acarretaria um problema complexo para a literatura que foi (e ainda é) o “abuso da pedagogia”. Quando se valoriza a literatura apenas para contribuir com determinados conteúdos escolares.

Lígia Cademartori, que é professora e pesquisadora brasileira, também doutora em Teoria Literária, entende a literatura para a infância, historicamente, como um gênero situado em dois sistemas (2010 p. 13)²:

“No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores. Sendo assim, nas conceituações e definições do que seja literatura infantil, não é raro que encontremos a alternância, ou a convivência, de critérios estéticos e pedagógicos.”

1- ¹ A referência da citação com o ano de 2011, diz respeito a 3ª edição da publicação do livro *Literatura Infantil Brasileira* da Editora Unesp. No entanto, a primeira edição do livro foi publicada em 1968, pela Edições Melhoramentos.

2- ² A referência da citação do ano de 2010, diz respeito a 2ª edição do livro *O que é Literatura Infantil* da Editora Brasiliense. No entanto, a primeira edição do livro foi publicada em 1980.

O que diferencia um termo do outro é que o sistema da educação ocupa um lugar de destaque devido ao seu papel na formação de leitores a partir de critérios pedagógicos.

É importante dizer que a literatura para a infância já existia antes de estar fortemente ligada ao contexto escolar. Principalmente na forma da literatura oral, chegada ao Brasil predominantemente por meio dos marinheiros portugueses, acrescida da mitologia, das tradições indígenas e fortemente enriquecida pelas contribuições africanas.

Essas contribuições de culturas tão variadas que se estabeleceram no Brasil, tanto do ponto de vista da oralidade quanto das referências escritas, deram espaço a um processo de aculturação. E, nesse contexto, a literatura para a infância no Brasil, foi tomando forma.

O início das transformações que ocorreram na literatura para a infância brasileira foi especialmente marcado por três grandes desbravadores da área: Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac. Eles foram responsáveis por traduzir e adaptar obras estrangeiras (normalmente europeias) para crianças no final do século XIX. “Sem esses autores, os livros nacionais demorariam a aparecer”. (Zilberman, 2005).

Ainda no final do século XIX, as adaptações dos modelos europeus, seguiam uma tendência de cunho patriota, na qual as obras serviam como instrumento de difusão de civismo e ufanismo. No entanto, no início do século XX, Monteiro Lobato vê a necessidade de escrever histórias para crianças em uma linguagem que as interessasse, e em 1921, publica *Narizinho Arrebitado*, que obteve muito sucesso de vendas na época.

Depois disso, Monteiro Lobato passou a investir progressivamente na literatura para a infância. Para Zilberman, Lobato é “quase um sistema literário inteiro” (op. cit., p 33). A autora declara que, graças à atividade de escritor em tempo integral e à poderosa capacidade fabulosa de Lobato, a literatura infantil apareceu no universo das editoras como um negócio rentável.

Entre 1920 e 1945, a produção literária para crianças começa a ter consistência, aumentando o número de obras e despontando novos autores. Com o crescimento quantitativo da produção para crianças e o comprometimento dos autores com as publicações, o mercado da época se mostrou favorável aos livros. E nesse cenário rentável, aliado com o processo de modernização da sociedade brasileira, resultou em melhores condições de produção, circulação e consumo dos bens, favorecendo a literatura para a infância, de modo que a indústria de livros se solidificou e a escola, local de acesso às leituras, se expandiu.

Seguindo para a década de 60, ampliam-se instituições e programas voltados para o fomento da leitura e a discussão da literatura para a infância. É nessa época que surgem programas como a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968) entre outros. Além disso, os livros começaram a receber apoios de entidades públicas e da iniciativa privada, o que favoreceu o aumento do número e o lançamento de novas publicações. Essa mobilização do Estado apoiando e agilizando entidades envolvidas com livros e leitura, oportunizou no plano da iniciativa privada a ampliação da veiculação do livro a partir da venda em bancas, comercialização em colégios, inclusão de fichas de leituras, questionários, instruções e etc.

Essa lógica de livros para crianças produzidas por um sistema editorial mais moderno, implicou na regularidade de publicações e na preocupação com a manutenção de um público fiel, que trouxe como consequência uma produção acelerada, que, independentemente da qualidade das obras, tinha o intuito de garantir o consumo.

Na década de 1970, algumas mudanças ocorreram também na área da educação. O país passou pela Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus (Lei 5.692/71), que ampliou a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos e trouxe algumas consequências ao sistema educacional. A grande quantidade de alunos que, a partir de então, começaram a frequentar as escolas trouxe a necessidade de recrutamento de novos professores. Tal situação acarretou uma formação pedagógica rápida e de certo modo ineficiente. Diante dessa realidade, os professores fizeram uso de livros didáticos como suporte para facilitar a ação pedagógica.

Entre equívocos e reparações, o incentivo conferido à literatura infantil foi um dos benefícios do período de reforma educacional e houve um estímulo à presença de obras literárias nas escolas.

Ainda segundo Zilberman, nesse panorama histórico, alguns professores utilizavam em sala de aula um misto de literatura infantil e narrativas direcionadas ao público adulto. Pesquisas realizadas na época apontavam que a escolha dos professores com relação aos livros de literatura para crianças muitas vezes incluía autores atuantes nos anos 1940 e 1950, como Monteiro Lobato, Érico Veríssimo e Maria José Dupré. Os autores dos anos 1970 não correspondiam às expectativas desses professores (submersos numa visão conservadora no Brasil) porque, através da literatura, contestavam o processo de repressão, dialogavam diretamente com o leitor criança e proporcionavam novas formas de narrar e de lidar com a tradição. A literatura infantil brasileira começava a recontar sua história e a traçar caminhos que se abriam à sua frente.

No entanto, mais especificamente no uso do livro dentro das escolas, obras com caráter formador, vinculadas a objetivos pedagógicos começaram a ganhar ainda

mais espaço. Essa preocupação pedagógica silenciou nos textos questões relativas às diferenças, conflitos e outras questões existenciais e muitas vezes não abria brechas para interrogações. Além disso, a reforma curricular de 1971, de cunho profissionalizante, fez com que o foco humanístico fosse deixado de lado para dar lugar ao preparo dos indivíduos para o trabalho na indústria.

Esse brevíssimo e sucinto panorama histórico busca demonstrar um pouco de como a literatura infantil se constituiu no País e tenta compreender como o atual contexto brasileiro conserva os valores de um profundo condicionamento histórico que atrela a literatura aos desígnios pedagógicos e a lógica de mercado.

A representatividade negra

Para começar a pensar como a representatividade negra aparece no contexto do livro para a infância, faz-se necessária uma breve e importante retomada histórica de como o povo negro foi marcado por uma cultura excludente no âmbito da educação. Voltar o olhar para esse passado é fundamental para desvelar mecanismos determinantes nesse processo de exclusão e, assim, ter a oportunidade de ressignificá-los.

No livro *Educação das Relações Étnico-Raciais*, Rosa Maria de Carvalho Rocha traça esse panorama histórico de forma didática e relata como a educação popular não foi uma preocupação do poder público brasileiro desde o Período Colonial até a República. A grande maioria dos escravizados não frequentou a escola e a legislação brasileira oficializou essa exclusão através de um decreto (nº. 1331, de 17 de fevereiro de 1854) que estabelecia que as escolas públicas do país não admitiriam escravizados.

Pouco mais de 20 anos depois, outro decreto estabeleceu que os negros poderiam estudar apenas no período noturno, o que permitiria o ingresso apenas de maiores de 14 anos de idade e essencialmente homens.

Esse quadro desumano permaneceu e os negros tiveram que enfrentar, além do preconceito atroz e da discriminação perversa, um panorama escolar marcado por absoluta marginalização.

Aliando a cultura de valorização eurocêntrica - que permeava a sociedade brasileira no século XIX -, ao reforço negativo de estereótipos sobre a população negra e ao protagonismo da nação sendo exercido por brancos, foi-se introduzindo na sociedade uma hierarquização das raças que culminou com um projeto de branqueamento da nação. O lugar do negro na sociedade foi então agravado nesse cenário pungente que o impediu de viver a sua cidadania plena. Como resultado, a

desigualdade impera até hoje em todas as esferas sociais do País. E aqui chega o ponto mais importante desse trabalho, que é o olhar para o contexto escolar.

No início do século XX, a esfera educacional passou por um processo de construção da educação como direito social, porém ainda como privilégio dos brancos, que conseqüentemente instaurou o obscurantismo e o silenciamento da história e da cultura da população negra. A escola, nesse sentido, também se tornou um lugar de fortalecimento e valorização da cultura eurocêntrica.

Durante muitas décadas, o mito da democracia racial, que afirmava a existência de relações harmônicas entre brancos e negros, tentou minimizar o problema, enquanto crianças e jovens negros sofriam dentro das escolas com uma reprodução de atitudes declarada do racismo.

Demorou muito para o racismo se tornar um crime inafiançável e imprescritível. Após anos de muita luta e resistência, os movimentos sociais negros criaram estratégias para mudar esse cenário engajando-se de forma política e ativa na busca principalmente de respeito à diversidade cultural e à estética negra. O Movimento Negro é um exemplo desses movimentos, que trouxe as discussões sobre o racismo, desigualdade racial entre outras pautas sociais e que desenvolveram ações em prol da população negra a partir do século XX. Apesar de atuar em várias esferas, o Movimento tinha a educação como pauta prioritária, pois via o analfabetismo e a lenta inserção do povo negro nas escolas como um dos principais problemas dessa população.

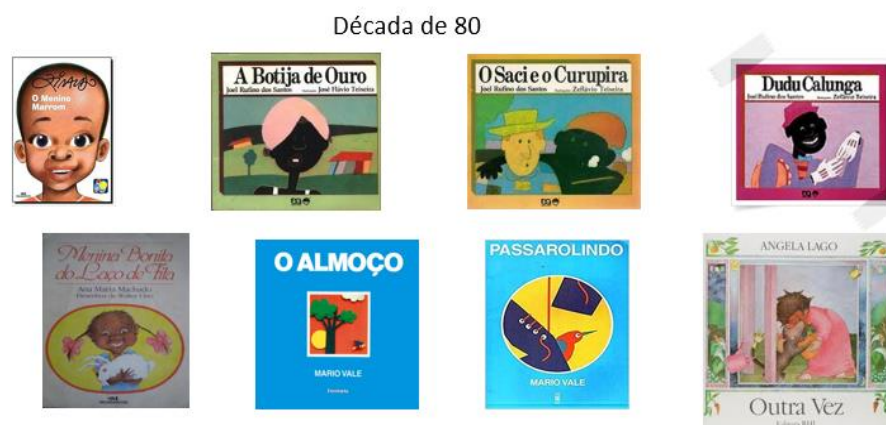
Neste trabalho não se pretende fazer uma cronologia quanto às ações desenvolvidas pelos movimentos sociais em prol da educação, mas o fato é que ao longo das suas ações, desde os primeiros anos do século XX, perceberam que o racismo nas escolas não estava presente apenas nas práticas dos relacionamentos sociais: os livros didáticos também estavam permeados por estereótipos raciais. A partir dessa demanda, começaram a desenvolver pedagogias e currículos específicos com enfoque multirracial e popular. Era necessária uma mudança radical no campo do conhecimento e um rompimento com a estrutura racista secular perpetuada pela escola.

A maior parte das referências literárias do início da história da literatura infantil brasileira era europeia. A figura do negro praticamente inexistia. O negro apareceu representado na vasta obra de Monteiro Lobato. Infelizmente, os estereótipos que ali estavam retratados não eram positivos. Há um grande debate acerca deste tema, inclusive sobre como essas obras foram ressignificadas no contexto atual, mas o fato é que essas referências fizeram parte de um contexto histórico e inúmeras crianças tomaram posse da leitura dessas obras, inclusive dentro das escolas.

Na década de 1980, temos referências publicadas: *A botija de ouro* (1984), *O Saci e o Curupira* (1986) e *Dudu Calunga* (1986), de Joel Rufino dos Santos; *O menino*

marrom (1986), de Ziraldo; *Menina bonita do laço de fita* (1987), de Ana Maria Machado; *O almoço* (1989) e *Passarolindo* (1989), de Mario Vale.

Figura 1 – Representatividade negra nos livros infantis publicados na década de 80



Segundo reflexões de Sueli de Souza Cagneti e Cleber Fabiano da Silva no livro *Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África*, publicado em 2013, pela editora Autêntica, tais livros apresentam referências negras com representações distintas entre si: em alguns há uma intencionalidade maior na representação do negro como protagonista e em outros aparentemente não há uma intencionalidade na representação para tratar a temática da inserção.

Sueli lembra ainda que a inserção do negro na literatura, quando menos aponta para aquilo que quer demonstrar, melhor o faz, pois, apresentar o negro naturalmente na obra contribui para uma real inserção no meio que lhe é devido. A problemática da inserção é que na maioria das vezes as representações aparecem reforçando estereótipos na forma não padronizada em relação aos modelos de beleza. Há obras que acabam potencializando aquilo que se pretende abolir do imaginário coletivo.

Torna-se necessário fortalecer o protagonismo negro também com uma preocupação estética das obras, além de criar personagens em quaisquer contextos.

Quarenta anos depois, em 2020, o panorama da literatura infantil já mudou muito. Há inúmeras referências no mercado editorial e as questões de representatividade são muito diversas.

Figura 2 – Representatividade negra e diversidade nos livros atuais

Algumas referências - 2020



Após a implantação da Lei 10.639/2003, que prevê o estudo da História da África e das culturas africanas e/ou afrodescendentes, a publicação de livros que abordam a temática da representatividade negra aumentou significativamente. Desse modo, é possível que os alunos tenham contato com concepções africanas, sua maneira de compreender o mundo, suas diferentes manifestações e comportamentos culturais, sua arte e suas atividades intelectuais, superando as visões estereotipadas que permeiam o imaginário de muitos educandos.

Manifestações culturais, políticas e sociais da sociedade civil também foram fundamentais para mudar esse cenário. Autores se voltaram para a questão trazendo para suas narrativas a estética literária que priorizasse uma visão positiva da diversidade étnico racial, a diversidade de gêneros textuais, traços da cultura, religião, linguagem e etc. Infelizmente, os livros didáticos não progrediram na mesma proporção.

Segundo Debus, no mercado editorial brasileiro da literatura infantil, os títulos estão divididos em três categorias: *Literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira* (aquela que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira); *literatura afro-brasileira* (aquela que é escrita por escritores afro-brasileiros); e *literaturas africanas* (aquela que aborda a multiplicidade linguística da África, as literaturas de Língua Portuguesa, que contempla subcategorias como as vinculadas à oralidade - lendas e fábulas - e a literatura contemporânea). A primeira categoria é a que sobressai na produção editorial atual, embora as outras estejam em um movimento crescente.

Em 2020, realizei uma breve pesquisa através de um formulário eletrônico para coletar informações a respeito do conhecimento dos professores sobre os livros que contemplam a representatividade negra. A pesquisa, intitulada de *A representatividade negra nas histórias infantis*, foi respondida por 133 professores do Ensino Básico de diversas regiões do Brasil e ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2020. Compartilho algumas respostas coletadas durante a pesquisa.

Gráfico1:

Você sabia que existe uma Lei nº 10639 /2003, que tornou obrigatória a abordagem de conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras no ensino?

127 respostas

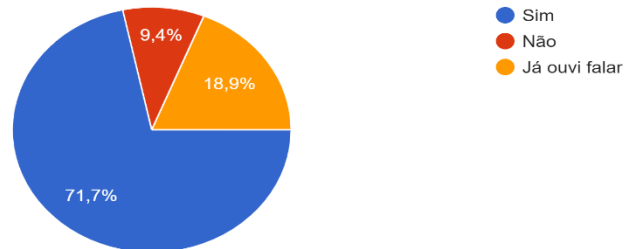
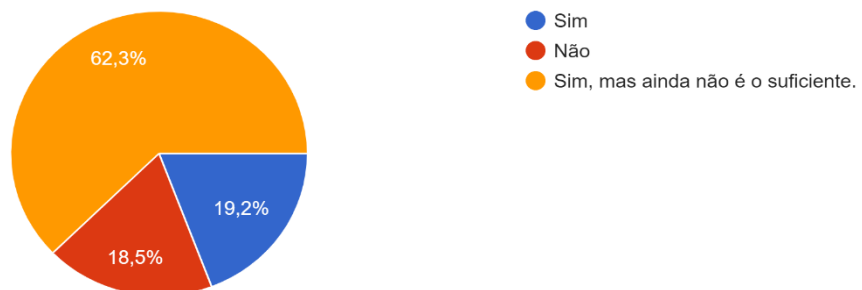


Gráfico 2:

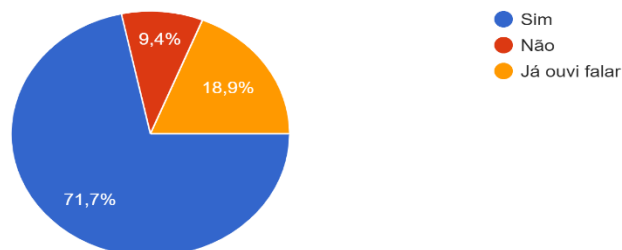
Você acha que o trabalho com a representatividade negra na literatura para a infância é uma preocupação das escolas atualmente?

130 respostas



Você sabia que existe uma Lei nº 10639 /2003, que tornou obrigatória a abordagem de conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras no ensino?

127 respostas

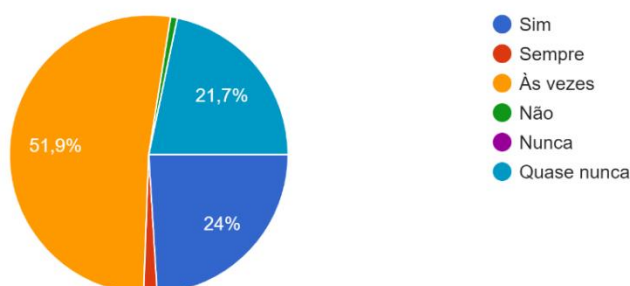


Outra pergunta sugeria aos entrevistados que indicassem um livro que, para eles, incluía a representatividade negra. Foram citados alguns livros como: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, lançado na década de 1980, recebeu um grande número de votos, provando que o título é bastante conhecido pelos professores e, já tendo passado por várias reedições, ainda se mantém vivo dentro das escolas.

Diante de tantos livros no mercado editorial, é possível perceber que muitos ainda não são explorados. Outro dado importante da pesquisa é que 62,3% dos professores consideraram que as escolas não se preocupam o suficiente com as questões de representatividade nos seus contextos.

Gráfico 3:

Nas histórias que você usou em sua carreira, apareciam personagens negros?
129 respostas

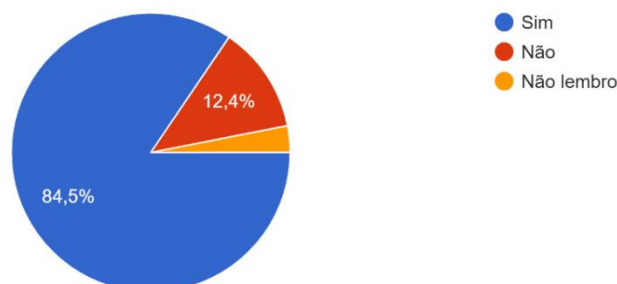


No gráfico acima, 51,9% dos professores indicaram que a presença dos negros nos livros acontecia ocasionalmente, ou seja, “às vezes”. Já na pergunta abaixo, 84,5% reconheceram os negros como protagonistas nas histórias que leram.

Gráfico 4:

Você já leu/contou histórias em que os personagens principais eram negros?

129 respostas



Diante desta amostragem, ainda que pequena, podemos perceber que o trabalho com a representatividade negra ainda não é unanimidade entre os professores, mesmo que exista uma lei que respalda a questão.

Considerações Finais

Este artigo faz parte de um trabalho que ainda está em fase de pesquisa. Seus resultados não estão concluídos. Portanto, as considerações finais permitem apenas suscitar algumas reflexões.

Aos professores, mediadores de leitura e outros profissionais que atuam com o livro para crianças no Brasil, em especial no contexto escolar, que reforçou e reproduziu estereótipos e preconceitos por muitos anos, cabe estar em constante atualização, em contato com o estudo sobre o livro, a representatividade negra e a cultura e temática africanas. É preciso que o professor seja capaz de tecer um olhar para além da abordagem temática das obras e de selecionar livros que apresentem elementos estéticos e culturais que saiam do exotismo. É preciso contribuir com o fortalecimento de práticas antirracistas, especialmente no livro para a infância, para favorecer uma sociedade que assuma sua identidade multiétnica. Cabe produzir coletivamente um cenário de visibilidade, respeito e ressignificação.

Mas como montar um acervo?

Neste tópico, me proponho a selecionar algumas, entre tantas referências publicadas, obras que abordem a representatividade negra nos livros para a infância. Essas referências são de livros que foram publicados até o 1º trimestre do ano de 2021.

Antes de esmiuçar alguns pontos sobre a elaboração de um acervo, gostaria de citar alguns trechos de falas recolhidos de formadores, em cursos, palestras e mídias digitais, aos quais considero muito importante introduzir aqui a fim de suscitar algumas reflexões. Tais reflexões, podem servir como referência para se pensar o tamanho da responsabilidade ao se envolver em um trabalho com livros para crianças: entender qual é o seu papel nesse processo e quantas situações estão envolvidas nesse universo cultural, é fundamental para começar a transformar o seu entendimento e consequentemente a sua prática.

Apesar da variedade de publicações que aqui serão explicitadas, há muitas outras obras no mercado de livros. No entanto, dentro da produção editorial ainda há um racismo específico, e que resulta na dificuldade de encontrar obras de autores negros. Muitos vivem no anonimato, e essa é uma realidade dentro da produção brasileira.

Escolhi organizar o acervo a partir de três pilares citados pela escritora Sinara Rubia em uma conversa sobre literatura infantojuvenil afro-brasileira, realizada no dia 13 de agosto de 2020, pelo Canal do Youtube Revista África e Africanidades:

Identidade – contempla as questões relacionadas à própria identidade, corporeidade da estética negra representada de maneira positiva.

Ancestralidade – contempla as questões relacionadas as cosmovisões de mundo.

Representatividade – contempla as questões relacionadas às situações corriqueiras do cotidiano, mas que há um protagonismo negro.

Para Sinara Rubia, a Literatura infantojuvenil negra é um conceito em construção. A autora entende a Literatura Negra a partir da fala de um sujeito negro e a partir do protagonismo negro. Para ela, essa literatura cumpre o papel de representar positivamente o protagonismo, narrando a história, a trajetória e o cotidiano de pessoas negras. Enxerga nesse trabalho uma importante ferramenta para o letramento racial crítico, que pode contribuir para uma Educação antirracista.

Partindo dos três pilares empregados pela Sinara Rubia, organizei o acervo de forma livre e interpretativa, com autores negros e não negros. Tal organização não deve ser encarada de forma estanque, pois alguns temas podem perpassar por mais de um dos pilares.

- **Identidade**



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20

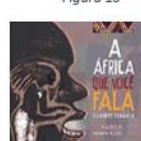


Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25

Figura 1 – O mundo no Black Power de Tayó - Ed. Peirópolis – Kiusam de Oliveira e Taisa Borges – 2013.

Figura 2 - Meus Crespo é de Rainha – Ed. Boitatá – Bell Hooks – 2018.

Figura 3 – Nós de Axé – Ed. Aletria - Janaína de Figueiredo e Paulica Santos – 2018.

Figura 4 – Uma Princesa Nada Boba – Ed. Cosac Naif - Luiz Antonio e Biel Carpenter – 2011.

Figura 5 – O que há de África em Nós – Ed. Moderna - Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga – 2013.

Figura 6 – As Panquecas de Mama Panya – Ed. SM - Richard Chamberlin e Mary Chamberlin – 2004.

Figura 7 – Adjokè e as palavras que atravessam o mar – Ed. Nandyala - Patrícia Matos e Márcia Sampaio – 2015.

Figura 8 – Alafiá, a Princesa Guerreira – Ed. NIA – Sinara Rubia – 2019.

Figura 9 – Azizi O Presente Precioso – Ed. Arole Cultural - Lucimar Rosa Dias e Ana Luisa Maisonnave – 2019.

Figura 10- Feijoada – Ed. Pallas - Sonia Rosa e Rosinha Campos – 2006.

Figura 11- A Cor de Coraline – Ed. Rocco – Alexandre Rampazo – 2017.

Figura 12- A Bela Wika Yawuwu – Ed. Sowilo - Neuza Lozano Peres e Gabriela Guenther – 2019.

Figura 13- Carolina Maria de Jesus – Ed. Mostarda – Organizadores – 2019.

Figura 14- Zum Zum Zumbi – Ed. Pallas – Sonia Rosa e Simone Matias – 2016.

Figura 15- Plantando as Árvores do Quênia – Ed. SM - Claire A. Nivola – 2015.

Figura 16- Histórias da Preta – Ed. Companhia das Letrinhas - Heloísa Pires Lima e Laurabeatriz – 1998.

Figura 17- Da Minha Janela – Ed. Companhia das Letrinhas - Otávio Júnior e Vanina Starkoff – 2019.

Figura 18- KAKOPI KAKOPI – Ed. Melhoramentos – Rogério Andrade Barbosa e Marilia Pirillo – 2019.

Figura 19- Alfabeto Negro – Ed. Mazza Edições - Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Cristina Agostinho – 1999.

Figura 20 – Menina Bonita do Laço de Fita – Ed. Ática – Ana Maria Machado – 1986.

Figura 21- A África que você fala – Ed. Globinho - Claudio Fragata e Mauricio Negro – 2021.

Figura 22- Sejam Todos Feministas – Para Jovens – Ed. Companhia das letrinhas - Chimamanda Ngozi Adichie, Cristina Baum, e outros – 2021.

Figura 23 – Lukenya e Seu Poder Poderoso – Ed. LiteraRua - Odara Dèlé, Toni C., e outros – 2019.

Figura 24 – Bucala – A Pequena Princesa do Quilombo de Cabula - Ed. Malê - Davi Nunes e Daniel Santana – 2019.

Figura 25 – Vida Que Voa – Ed. Escrita Fina - Lena Martins – 2017.

• Ancestralidade



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

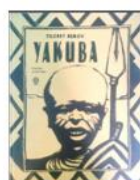


Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23

Figura 1 – Contos e Músicas da África – Ed. Viajante do Tempo – Souleymane Mbodj e Anne-Lise Boutin – **2020**.

Figura 2 - Contos de Moçambique – Ed. FTD - Luana Chnaiderman de Almeida e Christian Piana – **2017**.

Figura 3 – O Espelho Dourado – Ed. Peirópolis - Heloísa Pires Lima e Taisa Borges – **2003**.

Figura 4 - Do Òrun ao Àiyé: A Criação do Mundo – Ed. Aziza - Waldete Tristão e Rodrigo Andrade – **2020**.

Figura 5 – Alafiá e a Pantera Que Tinha os olhos de Rubi – Ed. Globinho - Marcel Tenório e Theo de Oliveira – **2015**.

Figura 6 – Ombela – A Origem das Chuvas – Ed. Pallas – Ondjake e Rachel Caiano – **2013**.

Figura 7 – A África Recontada Para Crianças – Ed. MartinClaret - Avani Souza Silva e Lila Cruz – **2020**.

Figura 8 – Mãe Sereia – Ed. Pallas - Teresa Cárdenas e Vanina Starkoff – **2019**.

Figura 9 – O Rei Mocho – Ed. Kapulana - Ungulani Ba Ka Khosa e Americo Mavale – **2016**.

Figura 10- Yakuba – Ed. Record – Thierry Dedieu e André Telles – **2016**.

Figura 11- A Semente que veio da África – Ed. Salamandra – Heloísa Pires Lima – **2019**.

Figura 12- Kiriku e a Feiticeira – Ed. Viajante do Tempo – Michel Ocelot – **2016**.

Figura 13- Histórias Africanas – Ed. FTD – Ana Maria Machado e Laurent Cardon – **2012**.

Figura 14- Sundiata – Uma Lenda Africana – Ed. Quadrinhos na Cia – Will Eisner – **2004**.

Figura 15- A Orelha Vai à Escola Todos os Dias – Ed. Editora do Brasil - Rogério Andrade Barbosa e Marcelo Pimentel – **2019**.

Figura 16- Porque os Mosquitos Zunem no Ouvido da Gente – Global Editora – Verna Aaedema – **2005**.

Figura 17- Obax – Ed. Brinque – book – André Neves – **2010**.

Figura 18- Os Sete Novelos – Ed. Cosac Naify – Angela Shelf Medearis – **2005**.

Figura 19- Meus Contos Africanos – Ed. Martins Fontes – Nelson Mandela – **2009**.

Figura 20 – A Força da Palmeira – Ed. Pallas – Anabella Lopez – **2014**.

Figura 21- Sona – Contos Africanos Desenhados na Areia – Editora do Brasil – Rogério Andrade Barbosa e Thais Linhares – **2020**.

Figura 22 – A História de Chico Rei – Ed. SM – Béatrice Tanaka – **2015**.

Figura 23 – Meu Avô é um Tata – Ed. Pallas – Janaína de Figueiredo e Bruna Lubambo - 2018.

- **Representatividade**

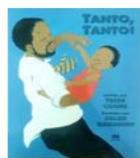


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20

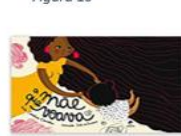


Figura 21



Figura 22



Figura 23

Figura 1 – Tanto Tanto – Ed. Ática - Trish Cooke e Helen Oxenbury – 2019.

Figura 2 - Joãozinho e Maria – Ed. Mazza - Cristina Agostinho, Ronaldo Simões Coelho, e outros – 2013.

Figura 3 – O Menino Nito – Ed. Pallas – Sonia Rosa e Victor Tavares – 2001.

Figura 4 – Lulu Adora Histórias – Ed. Pallas - Mcquinn e Rosalind Beardshaw – 2012.

Figura 5 – Cadê – Ed. Nova Fronteira - Graça Lima – 2009.

Figura 6 – Outra Vez – Angela Lago – 1984.

Figura 7 – Meu Pai Vai Me Buscar na Escola – Editora Zit – Junião – 2013.

Figura 8 – Meia Curta – Ed. Mazza - Andreza Felix e Santiago Régis – 2021.

Figura 9 – Xavier – Ed. Gramma – Carlos Carvalho – 2017.

Figura 10- A Princesa e a Ervilha – Ed. Farol Literário – Rachel Isadora – 2016.

Figura 11- O Vestido de Jamela – Ed. SM - Niki Daly – 2012.

Figura 12- Não Derrame o Leite – Ed. Pequena Zahar - Christopher Corr e Stephen Davies – 2015.

Figura 13- A Vida Não Me Assusta – Ed. DarkSide – Maya Angelou e Jean-Michel Basquiat – 2018.

Figura 14- Letras de Carvão – Ed. Pulo do Gato - Irene Vasco e Juan Palomino – 2016.

Figura 15- Esse Amor – Ed. Tiger Tales - Márcia Duarte Companhone, Isabel Otter, Harriet Lynas – 2019.

Figura 16- Viagem Pelo Mundo Num Grão de Pólen – Ed. Kapulana - Pedro Pereira Lopes e Filipa Pontes – **2014**.

Figura 17- E Foi Assim Que Eu e a Escuridão Ficamos Amigas – Ed. Companhia das Letrinhas - Emicida e Aldo Fabrini – **2020**.

Figura 18- Caderno de Rimas de João – Ed. Pallas - Lázaro Ramos e Mauricio Negro – **2010**.

Figura 19- Chapeuzinho Vermelho e o Boto Cor De Rosa – Ed. Mazza - Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho – **2020**.

Figura 20 – O Pequeno Príncipe Brasileiro - Ed. Viajante do Tempo - Paula Novaes – **2020**.

Figura 21- A Mãe Que Voava – Ed. Aletria – Caroline Carvalho e Inês Fonseca – **2018**.

Figura 22 – Chuva de Manga – Ed. Brinque Book - James Rumford – **2008**.

Figura 23 – Maíra – A Alegre Campeã – Ed. Editora Cruz e Sousa - Maíra Ranzeiro – **2019**.

Essas são algumas referências para começar a montar um acervo que contemple as questões da representatividade negra nos livros infantojuvenis.

Há algumas editoras especializadas no assunto que podem ampliar ainda mais o repertório de materiais:

- Editora Kapulana.
- Mazza Edições
- Editora Malê
- Editora Mostarda
- Editora Nandyala
- Pallas Editora
- Selo Negro Edições

É sempre interessante pensar na autoria, tanto do texto, quanto da ilustração e na equipe que faz parte da produção do livro, como os designers, diagramadores, revisores, editores, livreiros e etc. Saber se algum negro faz parte da equipe é, também, uma ação antirracista.

Para Djamila Ribeiro, pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que traz o privilégio ao seu favor, e pessoas negras podem se conscientizar desses processos para não os reproduzir. Diversas práticas cotidianas que se colocam de forma opositiva ao racismo, fazem a luta antirracista se fortalecer na sociedade. Começar essas ações nas conversas em família, com os amigos, no seu

campo de atuação e etc., é o início de uma caminhada. Percurso esse que, me proponho a fazer com esse trabalho, no dia a dia e no meu cotidiano da sala de aula.

Indico também, algumas obras que servem como referenciais para a organização de uma prática pedagógica antirracista. Algumas delas tratam especificamente da literatura para crianças.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

Figura 1- Personagens Negras na Literatura Infantil: o que dizem crianças e professoras. Ed. CRV – Débora Oyayomi Araujo – **2020**.

Figura 2 – Literatura Infantil e Juvenil – Diálogos Brasil – África – Ed. Autêntica – Sueli de Souza Cagneti e Cleber Fabiano da Silva - **2013**.

Figura 3 – A Temática da Cultura Africana e Afro-Brasileira na Literatura para crianças e Jovens. Ed. Cortez – Eliane Debus **2017**.

Figura 4 – Literaturas Africanas e Afro-Brasileira na Prática Pedagógica. Ed. Autêntica. Iris Maria da Costa Amâncio, Nilma Lino Gomes, Miriam Lúcia dos Santos Jorge – **2014**.

Figura 5 – Educação das Relações Étnico- Raciais – Ed. Mazza – Rosa Margarida de Carvalho Rocha - **2007**.

Figura 6- O Movimento Negro Educador – Ed. Vozes – Nilma Lino Gomes – **2017**.

Figura 7 – Outra Educação é Possível – Ed. Mazza – Luana Tolentino – **2017**.

Por fim, concluo este trabalho indicando algumas referências que foram importantes para a elaboração deste trabalho e convido a você, leitor, a também pensar em práticas antirracistas no seu cotidiano na busca de uma sociedade mais justa, igualitária e reparadora.

“QUEM NÃO SABE DANÇAR, PÕE A CULPA NO CHÃO” – Quênia

“O SABER É COMO O TRONCO DO BAOBÁ, NINGUÉM CONSEGUE ABRAÇÁ-LO SOZINHO” – Costa do Marfim

“UM BRACELETE SOZINHO NÃO FAZ BARULHO” – Uganda
Provérbios Africanos

Referências

- AMÂNCIO, I. M. C.; GOMES, N. L.; JORGE, M. L. S. *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Autêntica Editora, 2014.
- ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011.
- CADEMARTORI, L. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2010.
- CAGNETI, S. S.; SILVA, C. F. *Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013.
- DEBUS, E. *A temática da literatura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2017.
- GOMES, N. L. *O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROCHA, R. M. C. *Educação das Relações Étnico-Raciais*. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2007.
- ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2005.